



Comportamento sexual e conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis entre acadêmicos de medicina

Sexual behavior and knowledge about sexually transmitted infections among medical students

Comportamiento sexual y conocimientos sobre infecciones de transmisión sexual en estudiantes de medicina

Thaís Moreira Lara¹, Ana Cláudia Ferreira Neves¹, Beatriz Pereira Oliveira¹, Patrícia Pereira Nogueira¹.

RESUMO

Objetivo: Avaliar o comportamento sexual e o conhecimento acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) entre os acadêmicos do curso de Medicina de uma instituição privada do Rio de Janeiro. **Métodos:** Trata-se de estudo transversal descritivo e quantitativo, realizado através de aplicação de questionário anônimo contendo 30 perguntas, através do Formulário Google. A análise dos dados foi realizada no formulário da plataforma Google, sendo posteriormente transferida para o Excel. O Teste T de Student foi realizado para verificar presença de relevância estatística, através do valor $p < 0,001$. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** A amostra contou com 204 acadêmicos, os quais estavam divididos em ciclo básico (46,1%), clínico (33,8%) e internato (20,1%). Destes, 93,6% afirmaram já ter praticado alguma modalidade sexual, dos quais 66% afirmaram o uso de métodos de barreira e 45,6% já utilizaram algum método contraceptivo de emergência. Ao analisar o questionário obteve-se que o nível de conhecimento foi baixo acerca das manifestações clínicas do vírus da imunodeficiência humana e outras IST, como a tricomoníase. **Conclusão:** Apesar do conhecimento obtido no curso sobre IST e suas formas de prevenção, os acadêmicos ainda apresentam comportamentos de risco e lacunas de conhecimento sobre determinadas doenças.

Palavras-chave: Doenças sexualmente transmissíveis, Epidemiologia, Prevenção primária, Prevenção de doenças, Estudo comparativo.

ABSTRACT

Objective: To evaluate sexual behavior and knowledge about Sexually Transmitted Infections (STI) among medical students at a private institution in Rio de Janeiro. **Methods:** Descriptive and quantitative cross-sectional study carried out through the application of an anonymous questionnaire containing 30 questions, using the GoogleForm. Data analysis was performed using the Google platform form and was later transferred to Excel. Student's T Test was performed to verify the presence of statistics relevance through $p < 0.001$. The study was approved by the Research Ethics Committee. **Results:** The sample had 204 academics who were divided into basic cycle (46.1%), clinical (33.8%) and internship (20.1%). Of these, 93.6% said they had already

¹ Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

practiced some sexual modality of which 66% said they used barrier methods and 45.6% had already used some emergency contraceptive method. When analyzing the questionnaire, it was found that the level of knowledge was low about the clinical manifestations of the human immunodeficiency virus and other STI, such as trichomoniasis. **Conclusion:** Despite the knowledge obtained in the course on STI and their forms of prevention, academics still have risk behaviors and knowledge gaps about certain diseases.

Key words: Sexually transmitted diseases, Epidemiology, Primary prevention, Disease prevention, Comparative study.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar el comportamiento sexual y el conocimiento sobre Infecciones de Transmisión Sexual (ITS) entre estudiantes de medicina de una institución privada de Río de Janeiro. **Métodos:** Se trata de un estudio transversal descriptivo y cuantitativo, realizado mediante la aplicación de un cuestionario anónimo de 30 preguntas, utilizando el Formulario de Google. El análisis de los datos se realizó mediante el formulario de la plataforma Google, y posteriormente se transfirió a Excel. Se realizó la Prueba T de Student para verificar la presencia de relevancia estadística, a través de un valor de $p < 0,001$. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación. **Resultados:** La muestra contó con 204 estudiantes, que se dividieron en ciclo básico (46,1%), clínico (33,8%) y pasantía (20,1%). De estos, el 93,6% dijo que ya había practicado alguna modalidad sexual, de los cuales el 66% dijo que usaba métodos de barrera y el 45,6% ya había usado algún método anticonceptivo de emergencia. Al analizar el cuestionario, se encontró que el nivel de conocimiento era bajo sobre las manifestaciones clínicas del virus de la inmunodeficiencia humana y otras ITS, como la tricomoniasis. **Conclusión:** A pesar de los conocimientos obtenidos en el curso sobre las ITS y sus formas de prevención, los académicos aún presentan conductas de riesgo y vacíos de conocimiento sobre ciertas enfermedades.

Palabras clave: Enfermedades de transmisión sexual, Epidemiología, Prevención primaria, Prevención de enfermedades, Estudio comparativo.

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ainda são desconhecidas por grande parte da população, principalmente quanto às suas formas de transmissão, prevenção e tratamento. Embora na década de 80 tenha ocorrido substancialmente maior atenção aos métodos preventivos, devido ao advento do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), atualmente apenas 56,6% dos jovens brasileiros usam preservativo com parceiros fixos e eventuais (PORTAL DA SAÚDE, 2017).

As IST, muitas vezes, apresentam longos períodos de latência dificultando a avaliação médica e a resolução do quadro, contribuindo para uma procura tardia do paciente ao médico (AROZQUETA FJG, et al., 2011). A sua ocorrência aumenta a chance, em pelo menos dez vezes, de contaminação pelo HIV, além de apresentarem consequências expressivas, como o aborto, esterilidade, transmissão congênita e prematuridade (CARRET MLV, et al., 2004). Dessa forma, as IST configuram-se como um problema de saúde pública com estatísticas alarmantes, visto que 20% das consultas estão relacionadas a tais infecções (SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE, 2006).

Em um período histórico marcado pela rapidez das informações e sua fácil disseminação, espera-se que a população adquira maiores conhecimentos quanto aos males das IST e outras patologias, todavia, ao avaliar universitários da área da saúde muitas vezes não é o que ocorre. Soma-se a isso o fato de se apresentarem como um grupo de risco por iniciarem a sua vida sexual precocemente e estarem inseridos na faixa etária de 15 aos 24 anos, grupo com maior taxa de infecção na maioria dos países (CARRET MLV, et al., 2004).

Logo, o objetivo do presente estudo foi avaliar o comportamento sexual e o conhecimento acerca das IST entre os acadêmicos do curso de Medicina de uma instituição privada do Rio de Janeiro.

MÉTODOS

Foi realizado estudo transversal descritivo e quantitativo, realizado entre abril de 2019 e julho de 2021, através de aplicação de questionário anônimo contendo 30 perguntas, através do Formulário Google. Os critérios de inclusão consistiram em alunos devidamente matriculados em uma universidade privada do estado do Rio de Janeiro, entre o 1º e o 12º período e que tinham assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O questionário foi dividido em duas partes: a primeira reuniu 18 perguntas objetivas disponibilizadas em forma de tabela sobre informações pessoais e experiências sexuais dos indivíduos entrevistados. A segunda parte avaliou os conhecimentos gerais dos acadêmicos, com 12 perguntas objetivas a respeito da identificação, manifestações e prevenção de IST (**Dados suplementar**).

Para a definição da amostragem mínima utilizou-se a calculadora amostral do site Comento (comento.com), utilizando como base 1100 pessoas na população, 5% de erro amostral, 95% de nível de confiança e distribuição da população mais homogênea (80/20), determinando amostragem mínima de 202 questionários.

A análise dos dados foi realizada no formulário da plataforma Google, sendo posteriormente transferida para o Excel. O Teste T de Student foi realizado através do software Prism para verificar presença de relevância estatística, através do valor $p < 0,001$. O estudo apresentado foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Vassouras, parecer nº 3.517.426, CAAE 18760519.0.0000.5290, de 19 de agosto de 2019.

RESULTADOS

Perfil epidemiológico dos discentes entrevistados

Entre os aproximadamente 1.100 estudantes do curso de Medicina, foram avaliados 204 participantes, sendo que 67 (33%) apresentavam idade de 17 a 20 anos, 89 (44%) entre 21 a 24 anos, 28 (14%) entre 25 a 28 anos, 1 (6%) entre 29 a 32 anos e 8 (4%) entre 33 a 38 anos. Quanto ao gênero, 151 (74%) eram do sexo feminino e 53 (26%) do masculino. Em relação ao estado civil, 193 (94,6%) eram solteiros, enquanto apenas 11 (5,4%) eram casados. Ademais, analisando os alunos de acordo com os ciclos da graduação, 94 (46,1%) estavam no ciclo básico, 69 (33,8%) cursavam o ciclo clínico e 41 (20,1%) estavam no internato (**Tabela 1**).

Tabela 1 - Caracterização dos discentes de medicina que participaram da pesquisa de acordo com gênero, idade, estado civil e período.

Variável	N	%
Sexo		
Masculino	53	25,98%
Feminino	151	74,02%
Idade		
17-20	67	33%
21-24	89	44%
25-28	28	14%
29-32	12	6%
33-38	8	4%
Estado civil		
Solteiro	193	94,61%
Casado	11	5,39%
Período		
Ciclo básico (1º-4º)	94	46,08%
Ciclo clínico (5º-8º)	69	33,82%
Internato (9º-12º)	41	20,10%
Total	204	100%

Legenda: N = número de indivíduos. **Fonte:** Lara TM, et al., 2022.

Análise do comportamento sexual dos entrevistados

Em relação à prática de alguma modalidade sexual, 191 (93,6%) discentes afirmaram já ter praticado, enquanto 11 (5,4%) afirmaram não ter realizado nenhuma prática sexual, 1 (0,5%) preferiu não informar (PNI) e 1 (0,5%) assinalou que a questão não se aplicava (N/A).

Já em relação aos 191 discentes que afirmaram ter praticado alguma modalidade sexual, 130 (68,1%) declararam ter tomado a vacina contra o papiloma vírus humano (HPV), enquanto 57 (27,0%) afirmaram que não foram vacinados, 3 (1,6%) assinalaram N/A e 1 (0,5%) PNI. Neste mesmo grupo, 85 (44,5%) realizaram teste rápido para IST em algum momento da vida, enquanto 106 (55,5%) negaram a realização do teste. Já em relação ao exame preventivo, 105 (55%) alegam terem realizado, 48 (25,1%) nunca realizaram e 38 (19,9%) N/A. Além disso, observou-se que 126 (66%) afirmaram o uso de métodos de barreira, 63 (33%) negaram seu uso e 2 (1%) assinalou N/A.

Verificando os dados dos 63 participantes que não utilizam método de barreira, obteve-se que 46 (73%) eram vacinados contra o HPV e 17 (27%) não. Em relação à realização de teste rápido para IST, 29 (46%) alegaram já ter realizado e 34 (54%) não realizaram. Quanto à realização de exame preventivo, 38 (60,3%) informaram já terem feito, 15 (23,8%) negaram sua realização e 10 (15,9%) N/A. Sobre as ISTs, 13 (20,6%) afirmaram terem contraído alguma delas, enquanto 50 (79,4%) negaram.

Entre os 41 (20,1%) participantes que já contraíram alguma IST, 6 (14,6%) apresentavam-se na faixa etária de 17 a 20 anos, 18 (43,9%) entre 21 a 24 anos, 9 (21,9%) entre 25 a 28 anos, 3 (7,3%) entre 29 a 32 anos e 5 (12,2%) entre 33 a 38 anos. Entre os 160 (78,4%) entrevistados que relataram nunca terem contraído alguma IST, 59 (36,9%) apresentavam idade entre 17 a 20 anos, 70 (43,7%) entre 21 a 24 anos, 19 (11,9%) entre 25 a 28 anos, 9 (5,6%) entre 29 a 32 anos e 3 (1,9%) entre 33 a 38 anos. Além disso, 2 (1%) N/A e 1 (0,5%) PNI.

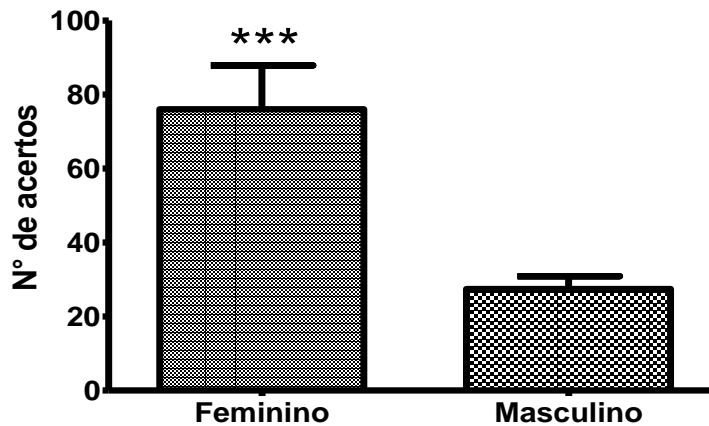
Em relação ao uso de camisinha masculina de acordo com faixa etária, obteve-se que 42 (62,7%) participantes com idade entre 17 e 20 anos afirmaram seu uso, enquanto 21 (31,3%) negaram e 4 (6%) N/A. Entre aqueles com 21 a 24 anos, 62 (69,7%) afirmaram o uso, 25 (28,1%) negaram e 2 (2,2%) N/A. Entre os indivíduos da faixa etária de 25 a 28 anos, 16 (57,1%) afirmaram o uso, 11 (39,3%) negaram e 1 (3,6%) N/A. Já entre aqueles com idade entre 29 a 32 anos, 6 (50%) afirmaram o uso, enquanto 6 (50%) o negaram. Por fim, entre os entrevistados de 33 a 38 anos, 3 (37,5%) afirmaram o uso da camisinha masculina e 5 (62,5%) negaram o seu uso.

Já em relação ao uso de camisinha feminina, observou-se que apenas 1 (0,5%) participante relatou seu uso e apresentava idade entre 25 a 28 anos (3,6%). Quanto ao uso de método contraceptivo de emergência, foi visto que 93 (45,6%) participantes afirmaram seu uso, 98 (48%) negaram e 13 (6,4%) referiram N/A. Analisando sua relação com a faixa etária obteve-se que entre os indivíduos de 17 a 20 anos, 21 (31,3%) afirmaram já terem feito uso de método contraceptivo de emergência, enquanto 40 (59,7%) negaram e 6 (8,9%) assinalaram N/A; entre aqueles com 21 a 24 anos, 48 (53,9%) afirmaram o uso, 36 (40,4%) negaram e 5 (5,6%) apontaram N/A; entre os indivíduos com faixa etária de 25 a 28 anos, 14 (50%) afirmaram o uso, enquanto 14 (50%) negaram; entre aqueles com 29 a 32 anos, 4 (33,3%) afirmaram o uso, 6 (50%) negaram e 2 (16,7%) indicaram N/A e na faixa etária de 33 a 38 anos, 6 (75%) entrevistados afirmaram já terem usado método contraceptivo de emergência e 2 (25%) negaram o seu uso.

Análise dos acertos do questionário

A média de acertos dos alunos do ciclo básico foi de 40,5%, enquanto a porcentagem de acertos do ciclo clínico e internato foram, respectivamente, 56,7% e 65,4%. Analisando a porcentagem de acerto por questão em cada ciclo obteve-se que o básico apresentou maior rendimento na questão 7 (85,1%), que versava sobre a transmissibilidade do HIV, enquanto os alunos do ciclo clínico apresentaram maior porcentagem de acerto na questão 8 (87%), que perguntava acerca de úlceras genitais. Por fim, os alunos do internato obtiveram mais acertos na pergunta 2 e 5 (100%), as quais questionavam acerca dos sinais e sintomas da candidíase e sobre gonorreia e clamídia, respectivamente. Avaliando o número de acertos quanto ao gênero dos discentes, foi obtida uma média maior pelo sexo feminino ($p < 0,001$) (**Figura 1**).

Figura 1 - Teste T de Student sobre a correlação entre o número de acertos e o gênero.



Fonte: Lara TM, et al., 2022.

Análise de todas as perguntas do questionário

A primeira questão pedia para o aluno assinalar quais condições não eram classificadas como IST. Notou-se que em todos os ciclos analisados a média de acertos, considerando como certas apenas as questões com o gabarito completo, foi inferior a 50%, sendo 0% no ciclo básico, 2,9% no ciclo clínico e 12,2% no internato.

Ao serem questionados sobre candidíase, na questão 2, o internato obteve 100% de acerto, enquanto os ciclos básico e clínico obtiveram média de acerto de 50% e 85,5%, respectivamente. Em relação a questão 3, sobre a vacinação contra HPV, o ciclo básico foi o único a não atingir 50% de aproveitamento, registrando apenas 30,8% dos acertos, em comparação a 52,2% no ciclo clínico e 70,7% no internato. A quarta pergunta, que questionava acerca das doenças detectadas no teste rápido, apresentou valores crescentes na porcentagem de acertos, sendo 62,8% no ciclo básico, 71% no ciclo clínico e 95,1% no internato.

A questão 5, que versava sobre apresentações de gonorreia e clamídia, denotou média de acerto de 45,7% entre alunos do ciclo básico, 79,7% entre estudantes do ciclo clínico e 100% dos alunos do internato. Ao serem questionados sobre as manifestações indicativas de infecção pelo HIV, na questão 6, os alunos do ciclo básico obtiveram 21,3% de índice de acerto, enquanto estudantes dos ciclos clínico e internato obtiveram, respectivamente, 46,4% e 51,2% de média de acertos.

Já a questão 7, que pedia ao entrevistado para assinalar a situação que oferecia maior probabilidade de transmissão do HIV, registrou índice de acerto semelhante entre os alunos de cada ciclo, sendo 85,1% no básico, 82,6% no clínico e 85,4% no internato. A questão 8 perguntava acerca de doenças que cursam com úlceras genitais e observou-se alto índice de acerto em todos os ciclos, sendo 61,7% no básico, 87% no clínico e 95,1% no internato. A nona questão, que versava sobre transmissão do vírus herpes, registrou média de acertos de 59,6% no ciclo básico, 69,6% no ciclo clínico e 73,2% no internato.

Quando questionados acerca de doenças que possuem transmissão vertical, na questão 10, a porcentagem de acertos do ciclo básico foi 17%, comparada a 49,3% e 70,7% do ciclo clínico e internato, respectivamente. Já a questão 11, sobre sintomatologia de tricomoníase, apresentou baixo índice de acerto geral, com 36,2% entre os alunos do ciclo básico, 33,3% entre o ciclo clínico e 7,3% entre os internos. Por fim, a questão 12, que versava sobre IST assintomáticas porém transmissíveis no sexo masculino também apresentou baixo índice de acerto geral, sendo 16% no ciclo básico, 21,7% no ciclo clínico e 24,4% no internato.

Todas as questões foram agrupadas, de forma a permitir a análise do número de acertos e erros correspondente à cada ciclo da universidade, dando uma visão mais ampla sobre suas correlações (**Tabela 2**).

Tabela 2 - Número de acertos e erros, de acordo com a pergunta do questionário e os períodos dos discentes.

Período	Questão	Acertos	%	Erros	%
Ciclo básico (1º - 4º)	1	0	0%	94	100,00%
	2	47	50,00%	47	50,00%
	3	29	30,85%	65	69,15%
	4	59	62,77%	35	37,23%
	5	43	45,74%	51	54,26%
	6	20	21,28%	74	78,72%
	7	80	85,11%	14	14,89%
	8	58	61,70%	36	38,30%
	9	56	59,57%	38	40,43%
	10	16	17,02%	78	82,98%
	11	34	36,17%	60	63,83%
	12	15	15,96%	79	84,04%
Total		40,51%		59,49%	
Ciclo clínico (5º - 8º)	1	2	2,90%	67	97,10%
	2	59	85,51%	10	14,49%
	3	36	52,17%	33	47,83%
	4	49	71,01%	20	28,99%
	5	55	79,71%	14	20,29%
	6	32	46,38%	37	53,62%
	7	57	82,61%	12	17,39%
	8	60	86,96%	9	13,04%
	9	48	69,57%	21	30,43%
	10	34	49,28%	35	50,72%
	11	23	33,33%	46	66,67%
	12	15	21,74%	54	78,26%
Total		56,76%		43,24%	
Internato (9º - 12º)	1	5	12,20%	36	36
	2	41	100,00%	0	0
	3	29	70,73%	12	12
	4	39	95,12%	2	2
	5	41	100,00%	0	0
	6	21	51,22%	20	20
	7	35	85,37%	6	6
	8	39	95,12%	2	2
	9	30	73,17%	11	11
	10	29	70,73%	12	12
	11	3	7,32%	38	38
	12	10	24,39%	31	31
Total		65,45%		34,55%	

Legenda: Total = porcentagem média de acerto dos discentes do período em questão.

Fonte: Lara TM, et al., 2022.

DISCUSSÃO

Apesar da prevalência do uso de métodos de barreira encontrada neste artigo ter sido superior quando comparada à estudo envolvendo discentes de um Curso de Medicina do Rio de Janeiro, cujas taxas estavam em torno de 40-45%, o número de indivíduos que utilizam tal forma de prevenção ainda é insatisfatório (ARAGÃO JCS, et al., 2011).

Ainda, o presente estudo evidenciou relação inversamente proporcional entre idade e uso de preservativos, sendo os adultos de 33-38 anos aqueles com menor porcentagem de uso do método, bem como apresentado por Carreno I e Costa JSD (2006), em que a faixa etária de 40-49 anos também foi a que menos utilizou preservativos em suas relações. Entre as justificativas estão o fato de que a maioria dos indivíduos dessa faixa etária apresentam parceiros regulares reduzindo o uso de preservativos, diferente dos indivíduos mais jovens que cursam com parcerias múltiplas e casuais (MACALUSO M, et al., 2000).

Ademais, foi observado que cerca de um quarto dos entrevistados já cursaram com alguma IST, o que demonstra que mesmo obtendo o conhecimento sobre como preveni-las, muitos ainda não utilizam os métodos de barreira com frequência, sendo infectados (ROCHA YA e SILVA MA, 2014). Ao analisar a faixa etária e a ocorrência de IST, foi demonstrado por Reis M, et al. (2012), que adultos de 25-35 anos apresentaram maior porcentagem de IST, corroborando com o presente estudo em que a maioria dos universitários de 33-38 anos relataram infecção prévia, o que sugere que os hábitos sexuais saudáveis não são constantes ou são rejeitados ao longo do tempo.

No que se refere aos métodos contraceptivos de emergência, grande maioria dos indivíduos de 33-38 anos utilizaram tal método, assim como no estudo de Pereira LSM, et al. (2021), em que quase a totalidade das mulheres entre 31-40 anos já utilizaram esse método contraceptivo. Todavia, as demais faixas etárias do presente artigo, quando somadas, representam quase 90% dos estudantes que utilizaram o método de emergência e, segundo Durrance CP (2013), adolescentes e mulheres jovens possuem uma tendência maior à utilização desse método visando evitar uma gestação indesejada, fator preocupante uma vez que os métodos de emergência não são capazes de evitar IST (DURRANCE CP, 2013; LAHMANN LA, et al., 2021).

Ao analisar a realização de exame preventivo foi constatado que a maioria dos participantes do presente estudo já realizaram, igualmente ao relatado por Spindola T, et al. (2020), em que mais da metade das universitárias também haviam realizado o exame. No que se refere a vacinação contra HPV entre discentes que mantinham relações sexuais, obteve-se porcentagem maior que a demonstrada (BARBOSA GMS, et al., 2018). Entretanto, a quantidade de doses tomadas não foi contemplada no questionário, não sendo possível precisar a eficácia da vacinação informada.

Em relação ao número de acertos do questionário obteve-se que o sexo feminino foi responsável pelo maior rendimento, sendo observada diferença significativa. Igualmente, pesquisa realizada em instituição de ensino privada do município do Rio de Janeiro, também evidenciou que o sexo feminino possuía conhecimento mais elevado acerca do assunto, quando comparado ao sexo masculino, também apresentando diferença significativa (FONTE VRF, et al., 2018). Ademais, o presente artigo evidenciou que houve significância com correlação negativa em relação a idade, indicando que quanto menor a idade maior foi o número de acerto no questionário.

Ao serem questionados sobre a vacinação contra o HPV, foi observado que apenas o ciclo básico obteve baixo índice de acerto, o qual foi satisfatório entre os alunos dos demais ciclos. Todavia, uma pesquisa realizada no Curso de Medicina da Universidade de São Paulo, evidenciou que a média de acertos foi baixa em todos os ciclos do curso em relação esse tema, além disso, evidenciaram que estudantes do ciclo básico possuem 51% de chance de terem menos conhecimento que os estudantes do internato em relação à transmissão e imunização contra o HPV (COSTA AS, 2019).

Em relação ao HIV, obteve-se que o conhecimento acerca das manifestações clínicas da infecção foi baixo entre todos os ciclos do Curso de Medicina, enquanto o conhecimento acerca das formas de transmissão foi elevado. Igualmente, estudo realizado em uma instituição privada de Medicina em Teresina, no Piauí, demonstrou que o acerto em questionário sobre manifestações clínicas acerca de IST estava em torno de 60%, enquanto os acertos em relação as formas de transmissão das doenças encontravam-se em 96% (HERNESTO MM, et al., 2021).

Ao avaliar o questionário, foi observado que todos os estudantes apresentavam pouco conhecimento acerca da tricomoníase, principalmente aqueles regularmente matriculados no internato e estudo realizado por Sales, et al. (2016), com estudantes da área da saúde de uma instituição privada do Brasil, evidenciou que menos da metade tinha conhecimento acerca da tricomoníase (SALES WB, et al., 2016).

Ademais, a maioria dos alunos acertaram a questão que versava sobre a transmissão do vírus herpes, estando em consonância com o estudo de Sales WB, et al. (2021), em que aproximadamente 82,78% dos estudantes da área da saúde tinham conhecimento acerca do herpes. Entretanto, estudo realizado com graduandos da Universidade de Campinas evidenciou que 83,3% dos estudantes reconheceram não saber identificar as lesões de herpes simples e pesquisa realizada por Subbarao NT e Akhilesh A (2017), demonstrou que apenas 32,5% dos entrevistados tinham conhecimento sobre essa IST (CASTRO EL, et al., 2016; SUBBARAO NT e AKHILESH A, 2017). Tal fato corrobora com a hipótese de que o nível de conhecimento dos estudantes da área de saúde é maior em relação aos estudantes de outras áreas do conhecimento (FONTE VRF, et al., 2018).

Ao avaliar o conhecimento de acordo com cada estágio da faculdade, evidenciou-se que o ciclo básico obteve maior conhecimento sobre a transmissibilidade do HIV, o ciclo clínico acertou mais questões sobre doenças que cursam com úlceras genitais e os internos obtiveram maior conhecimento sobre sinais e sintomas de candidíase, gonorreia e clamídia. Sales WB, et al. (2021), demonstraram que 98,16% dos estudantes da área da saúde conheciam sobre a AIDS, 77,7% sobre gonorreia e menos da metade tinham conhecimento acerca da clamídia.

CONCLUSÃO

Destarte, foi observado que apesar do conhecimento acerca de IST e suas formas de prevenção, os acadêmicos de medicina ainda apresentam comportamentos de risco, como alta incidência de uso de métodos contraceptivos de emergência, que apenas evitam gestação indesejada e não a ocorrência de IST e baixa porcentagem de uso de métodos de barreira. Ademais, o conhecimento sobre as IST é fundamental e o questionário nos permitiu avaliar algumas lacunas de conhecimento acerca de determinadas doenças, como a tricomoníase e o HIV, as quais apresentam grande relevância clínica. Logo, é necessária a ampliação de ações de prevenção e promoção de saúde sejam realizadas, mantendo o foco nas manifestações clínicas, transmissão e prevenção de IST, para que os acadêmicos se tornem multiplicadores de conhecimento.

REFERÊNCIAS

1. ARAGÃO JCS, et al. Comportamento sexual de estudantes de um curso de medicina do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2011; 35(3): 334-340.
2. AROZQUETA FJG, et al. Prevalência do vírus papiloma humano e outras doenças sexualmente transmissíveis no Ambulatório de Ginecologia Infanto-Puberal na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. *Revista Adolescência & Saúde*, 2011; 8(4): 6-12.
3. BARBOSA GMS, et al. Conhecimento sobre a vacinação contra o HPV em estudantes de medicina do Rio de Janeiro. *Revista SUSTINERE*, 2018; 6(1): 24-36.
4. CARRET MLV, et al. Sintomas de doenças sexualmente transmissíveis em adultos: prevalência e fatores de risco. *Revista Saúde Pública*, 2004; 38(1): 76-84.
5. CARRENO I, COSTA JSD. Uso de preservativos nas relações sexuais: estudo de base populacional. *Revista de Saúde Pública*, 2006; 40(4): 720-6.
6. CASTRO EL, et al. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 2016; 21(6): 1975-1983.
7. COSTA AS. Nível de conhecimento sobre papiloma vírus humano (HPV) e aceitabilidade de sua vacina quadrivalente entre estudantes de medicina. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Obstetrícia e Ginecologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, 85p.
8. DA SILVA LS, et al. Conhecimento dos acadêmicos de medicina acerca do HPV e do câncer de colo uterino. *Saúde Santa Maria*, 2017; 43(2): 125-136.
9. DURRANCE CP. The effects of increased access to emergency contraception on sexually transmitted disease and abortion rates. *Economic Inquiry*, 2013; 51(3): 1682-1695.
10. FONTE VRF, et al. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Escola Anna Nery*, 2018; 22(2): e20170318
11. HERNESTO MM, et al. Conhecimentos e comportamentos de acadêmicos de Medicina de uma instituição privada de Teresina frente a infecções sexualmente transmissíveis. *Research, Society and Development*, 2021; 10(15): e559101522003.
12. LAHMANN LA, ECKER ABS. Avaliação do conhecimento do uso de anticoncepção de emergência de estudantes em um centro universitário da região noroeste do Paraná. *Brazilian Journal of Development*, 2021; 7(11): 108729-108742.

13. MACALUSO M, et al. Partner type and condom use. *AIDS*, 2000; 14(5): 537-546.
14. PEREIRA LSM, et al. Percepção de uma comunidade acadêmica sobre a utilização da pílula do dia seguinte. *Brazilian Journal of Health Review*, 2021; 4(4): 15702-15714.
15. PEREIRA R, et al. Infecções sexualmente transmissíveis entre acadêmicos da área da saúde. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, 2021; 19: 1-7.
16. PORTAL DA SAÚDE. Ministério da saúde convoca nova geração a usar camisinha. 2017. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/noticias-svs/27668-ministerio-da-saude-convoca-nova-geracao-a-usar-camisinha>. Acessado em: 14 de abr de 2022.
17. REIS M, et al. Os comportamentos sexuais dos universitários portugueses de ambos os sexos em 2010. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 2012; 30(2): 105-114.
18. ROCHA YA, SILVA MA. Conhecimento sobre HIV/AIDS e práticas sexuais de estudantes de graduação de enfermagem. *Estudos*, 2014; 41(2): 275-289.
19. SALES WB, et al. Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. *Revista de Enfermagem Referência*, 2016; serIV(10): 19-27.
20. SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE. Diretoria de Vigilância Epidemiológica do Estado de Santa Catarina. Doenças sexualmente transmissíveis. 2006. Disponível em: http://www.dive.sc.gov.br/conteudos/publicacoes/publicacoes/manuais_cartilhas/Cartilha_de_DST.pdf. Acessado em: 14 de abr de 2022.
21. SPINDOLA T, et al. Práticas sexuais e o comportamento de jovens universitários frente à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Electrónica Trimestral de Enfermería*, 2020; 58: 120-130.
22. SUBBARAO NT, AKHILESH A. Knowledge and attitude about sexually transmitted infections other than HIV among college students. *Indian Journal of Sexually Transmitted Diseases and AIDS*, 2017; 38(1): 10-14.